Arqueologia e simbologia na região do Baixo Juruá

Márcio Amaral[1] - IDSM
Patrícia Rosa [2] - IDSM
Mariana Cassino[3] - IDSM
Geórgea Layla Araújo[4]-IDSM
Luiza Gama[5] – IDSM
Eduardo Kazuo Tamanaha[6] - IDSM

Eixo– Educação, Semiótica e práticas culturais na Amazônia

Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

A partir da experiência interdisciplinar, antropólogos, biólogos e arqueólogos vêm desenvolvendo pesquisas focando olhares plurais para conhecer as formas de ocupação e os marcos expressivos da presença humana de longa duração no baixo curso do rio Juruá, um dos principais afluentes da margem direita do Rio Amazonas. Neste âmbito, buscamos conjugar perspectivas etnográficas e analíticas para a compressão ampliada das relações entre sujeitos e as paisagens, observando diferenciadas formas de significa-las e habitá-las, numa dupla perspectiva espaço-temporal, no presente e no passado. Para tanto, partimos dos levantamentos de sítios arqueológicos ocorridos entre 10 de julho a 01 de agosto de 2018, destacando desses materiais aspectos que no permitam traçar um caminho para contribuir ao debate sobre a temática da mesa, lançando luz desde o Juruá e correlacionando províncias arqueológicas e culturais na mesorregião do médio rio Solimões, por meio do estudo analítico de palimpsestos antrópicos e a cultura material a eles associada. Nosso argumento propõe pensar que o acesso aos antigos padrões de ocupação humana na Amazônia pode se dar por meio de uma abordagem detalhada sobre a paisagem, sendo sua análise essencial para a compreensão das sociedades ameríndias pré-coloniais, coloniais e contemporâneas.

Palavras-chave: Juruá. Pocó. Arapicum.

Introdução

Arqueologia e Simbologia na Região do Baixo Rio Juruá

[1]Arqueólogo, Laboratório de Arqueologia - Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú - Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: kawayba@gmail.com
[2]Antropóloga, Grupo de Pesquisa Social - Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. E-mail: patricia.rosa@mamiraua.org.br
[3] Bióloga, Instituto Nacional de Pesquisa na Amazônia Instituto de Desenvolvimento sustentável Mamirauá; Instituto de Pesquisas da Amazônia. E-mail: mariana.cassino@mamiraua.org.br
[4] Arqueóloga, Laboratório de Arqueologia - Instituto de Desenvolvimento sustentável Mamirauá. E-mail: archeolayla@gmail.com
[5] Arqueóloga, Laboratório de Arqueologia - Instituto de Desenvolvimento sustentável Mamirauá. E-mail: luizacarolinev@gmail.com
[6] Arqueólogo, Laboratório de Arqueologia - Instituto de Desenvolvimento sustentável Mamirauá. E-mail: eduardo.tamanaha@gmail.com

A partir da experiência interdisciplinar, arqueólogos, antropólogos e biólogos no Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, vem desenvolvendo pesquisas focando olhares plurais para conhecer as formas de apropriação da paisagem e os marcos expressivos de ocupação humana de longa duração no baixo curso do rio Juruá, um dos principais afluentes da margem direita do Rio Amazonas. Neste âmbito, os trabalhos conjuntos realizados pelos pesquisadores buscam conjugar perspectivas analíticas para a compressão ampliada das relações entre sujeitos e as paisagens, observando diferenciadas formas de significa-las e habitá-las.

O projeto de pesquisa "Arqueologia e Simbologia na Região do Baixo Rio Juruá", e uma iniciativa do grupo de pesquisa em Arqueologia e gestão do Patrimônio do Cultural da Amazônia, vinculado ao laboratório de arqueologia do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM) que vem desenvolvendo por meio do projeto mãe: "Arqueologia nas Unidades de Conservação no médio Rio Solimões", trabalhos de campo extensivos e sistêmicos na região de Tefé e no âmbito das Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Amanã/Mamirauá, Flona Tefé, Resex Jutaí e Juruá. Nos últimos anos com a ampliação dos trabalhos de campo, os olhares de pesquisa do grupo sobre a história de longa ocupação da região, foram direcionados para o alto rio Amazonas e tributários das margens direita e esquerda, tendo especial interesse em desenvolver pesquisa arqueológica na calha do rio Juruá, um dos principais afluentes da margem direita do Rio Amazonas, considerado até então como pouco propicio a ocupações humanas antigas.

Os avanços das pesquisas nesta vasta região busca conhecer as formas de ocupação e os marcos expressivos de da presença humana de longa duração na região do baixo curso do rio Juruá, desta forma ampliando os olhares sobre as relações entre sujeitos e as paisagens, observando diferenciadas formas de significa-las e habitá-las, numa dupla perspectiva espaço-temporal, no presente e no passado, focando em problemáticas associadas à construção antrópica da paisagem e pensar os plurais regimes de transformações dessas formas e seus reflexos no modo de apropriação da paisagem, manejo e práticas culturais entre populações contemporâneas no baixo curso do rio Juruá.

O campo

Os dados iniciais para a região do baixo Juruá surgem com primeira expedição arqueológica conduzida pelo núcleo de arqueologia do Instituto Mamirauá ao rio Juruá em julho-agosto de 2018, que resultou na identificação e mapeamento de 26 sítios arqueológicos

de período pré-colonial, colonial e do período da borracha, posicionados em áreas heterogêneas de terra firme, mistas e várzeas.

Os trabalhos de campo não se limitaram ao campo arqueológico, e foram complementados com trabalhos voltados para os campos antropológicos e da etnobotânica, com ênfase no uso, manejo e distribuição de plantas utilizadas em comunidades tradicionais; busca por contextualizações socioculturais e históricas das práticas e costumes de origem ancestral, regimes de saberes sobre tecnologias cerâmicas, medicinas de base vegetal e animal, técnicas agrícolas, bem como a produção de notas etnográficas sobre coletivos indígenas e seus modos de vida na região, abrangendo registros de musicas cantadas em Nheengatu, conhecimentos associados ao significado do Arapicum, ritual indígena do Jurupari, realizado anualmente na comunidade de Cumaru no Igarapé Andirá por descendentes de grupos Cataixi.

Os marcos da ocupação humana na longa duração: paisagens construídas, lugares especiais, narrativas e pessoas

A presença humana antiga na calha do Rio Juruá, se expressa por meio da vegetação antrópica é suas espécies uteis aos seres humanos, sítios arqueológicos terra preta de índio, construções de terra em áreas de várzea, contendo em associação cultura material na forma de fragmentos cerâmicos ou cacos de índio, como são conhecidos, remanescentes preservados e ou carbonizados de ossos, plantas e sementes.

Na existência de lugares especiais e perigosos, como exemplos os sítios Bacururu e Cacaria, respeitados em todo baixo curso do Juruá. Sendo o primeiro local de entrada para um reino encantado, guardado por um sapo gigantesco, que tudo observa em ângulo de 360° e o segundo evitado pelos mais velhos, principalmente à noite. Bem como os cemitérios abandonados do período da borracha, marcos culturais na paisagem que suscitam respeito no imaginário coletivo das populações do baixo Juruá, com provável origem ancestral.

Marcos da história pré-colonial antiga

A história de longa duração na calha do baixo Juruá pode ser expressa pela cultura material registrada nos sítios arqueológicos investigados posicionados em biomas de várzeas, terras firmes e mistas. Compondo quatro estilos ou horizontes cerâmicos amplamente

distribuídos nas terras baixas amazônicas; hachurado zonado, pocó, tradição policroma da Amazônia e as cerâmicas caboclas.

As cerâmicas de estilo hachurado Zonado, uma tradição cerâmica antiga, identificada na ilha de Marajó na foz do Rio Amazonas e na Ponta do Jauarí na região do baixo amazonas, na calha do rio Juruá, foram registradas em um sitio construído em área de várzea, ampliando a distribuição geográfica de cerâmicas de estilo hachurado zonado para as regiões do médio-alto Amazonas e tributários, outro conjunto cerâmico importante, amplamente difundido nas terras baixas Amazônicas são as cerâmicas de estilo Pocó, no baixo Rio Juruá, foram registradas em sítios arqueológicos em áreas de terra firme e mistas.

Outro dado de relevância para o registro arqueológico diz respeito a presença de sítios contendo refinadas cerâmicas de estilo TPA, que foram identificadas em igarapés centrais (áreas de terra firme), distantes cerca de 40 km da calha principal do Juruá. A relação estilística com cerâmicas TPA de outras áreas do médio curso do Solimões aponta a existência de uma grande área de interação sociocultural em período pré-colonial tardio.

No presente etnográfico as indústrias cerâmicas do baixo Juruá são representadas pelas nominadas cerâmicas caboclas que tiveram importância econômica e social no XIX e XX, sofreram acentuado declínio nas ultimas décadas, frente o avanço de vasilhames de alumínio e plástico, persistindo pelo trabalho dedicado de oleiras que manufaturam por encomenda, panelas, potes, miniaturas cerâmicas e fogareiros utilizados na região, alimentando um pequeno fluxo de interações sociais intra-extra calha do baixo curso do Juruá. Todavia, as cerâmicas caboclas do Juruá correm sérios riscos de desaparecimento, devido à falta de interesse das novas gerações em modelar o barro.

Os marcos das histórias do presente

Podemos sintetizar os marcos referenciais nas histórias do presente no baixo Juruá por meio da figura cordial do Sr. Francisco Soares da comunidade indígena Cataixi, sendo ele o guardião das máscaras e vestimentas do Arapicum oficio herdado do sogro. A indumentária do Arapicum consiste na confecção de vestidos feitos a partir de fibras de Mauritia *flexuosa,* máscara de Crescentia cujete e pênis em isopor, anteriormente confeccionado em madeira, a confecção fica a cargo de um homem da comunidade que atualmente mora na cidade de Juruá, que retorna anualmente para este fim. Segundo as narrativas do Sr. Francisco os rituais relacionados ao Jurupari mesclam fertilidade, inclusão social dos mais jovens e a interação com os ancestrais, mobilizando toda comunidade na distribuição de tarefas, com destaque

para a “caiçumeira” figura responsável pela produção de caiçuma, mingau de banana não fermentado, consumido por todos durante os festejos, terminada a festa que tem duração de uma semana, as mascaras são depositadas em esteios no terreiro do arapicum, uma área circular com acesso restrito a pessoas estranhas, suscetíveis a doenças e males se adentrarem o local sem o consentimento do guardião.

Castanhais no Baixo Juruá e práticas agrícolas

Se por um lado, os levantamentos apontam possibilidades novas de compreensões da história de longa ocupação da paisagem, nossos dados de etnobotânica atestam concentrações de bacaba (Oenocarpus minor Mart.) associadas a sítios arqueológicos, demonstrando a importância da bacaba para as populações pretéritas do Juruá e comprovaram a existência de castanhais nativos, antes desconsiderados ou desconhecidos para a região do baixo Juruá. As informações coletadas em campo corroboram a presença de Bertholetia excelsa, em castanhais que vem sendo manejados e gradativamente ampliados por meio da utilização de técnicas de germinação natural e plantios em áreas de roças ou no entorno das casas.

Outro dado de relevância fornecido por Francisco e Clóvis Soares versa a respeito da recuperação de variedades de Manihot esculenta, não conhecidas na região até poucas décadas, por meio de germinação natural de sementes, ocorrida após a derrubada queima de roçados abertos em áreas capoeira madura, revelando a longevidade do período de dormência de sementes de mandioca, despertadas por evento térmico de coivara.

O tubérculo da planta obtido a partir de sementes se desenvolveu no sentido vertical, sendo colhidas e replantadas por meio de paus de maniva. As plantas obtidas por paus manivas tomaram aspecto de uma planta de mandioca comum, resaltando o profundo conhecimento e reconhecimento de etnovariedades de mandioca/ macaxeira, pela observação da coloração do pecíolo, aspectos das folhas e manivas, e seu respectivo tempo de colheita, se apropriados para terra firme ou várzea.

Nesse sentido, no que tange as práticas de agrícolas na região de estudo, observamos que as antigas estratégias agrícolas indígenas de plantio concomitante de roças de mandioca em áreas terra firme e nas várzeas do baixo Juruá bem como das técnicas de armazenamento de proteína de origem vegetal (mandioca suspensa, enterrada e afogada) vem sendo substituídas nas últimas décadas pelo plantio de roças somente nas áreas de terra firme que demoram até 18 meses para a colheita. Essas mudanças, segundo relato de agricultores entrevistados, é uma resposta a instabilidade das águas e as facilidades de conservação de

alimentos por meios modernos. Entretanto, persiste o transporte de mudas de plantas entre comunidades, aumentado de maneira exponencial a variabilidade genética das plantas e trocas de sementes caboclas entre comunidades a serem utilizadas em culturas de ciclo curto, que continuam sendo cultivadas em áreas de várzea, realizada a partir de meados de julho com do plantio de milho, melancia, jerimum, nas praias ricamente fertilizadas pela sedimentação do Juruá.

Problemática

Esse interesse constitui problemática de primeira monta para cobrir vazios analíticos e ligar províncias arqueológicas face às dimensões continentais das terras baixas Amazônicas, onde a inexistência de pesquisa ou mesmo registro de ocupações pretéritas, formas de ocupação, manejo e domesticação da paisagem antiga e recente, constitui requisito básico para o planejamento e desenvolvimento de pesquisa sistemática futura no âmbito de ação dos trabalhos desenvolvidos pelo núcleo de arqueologia.

As pesquisas realizadas no grupo são de caráter multidisciplinar, produzindo interfaces com a etnoarqueologia, etnobotânica e antropologia para uma melhor avaliação e reconstrução dos ciclos antrópicos na mesorregião do Solimões e correlações sincrônicas e diacrônicas na calha do Rio Juruá. Visando a produção de novas perspectivas heurísticas sobre a falsa impressão da presença rarefeita ou mesmo ausência de ocupações humanas antigas na calha do baixo Rio Juruá.

A experiência interdisciplinar, entre antropólogos, arqueólogos e biólogos do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, tem focando em olhares plurais para uma melhor compreensão nos padrões de ocupação e os marcos expressivos na paisagem cultural na longa duração, em um dos principais afluentes da margem direita do Rio Amazonas. Neste âmbito, os trabalhos conjuntos realizados pelos pesquisadores buscam conjugar perspectivas analíticas para a compressão ampliada das relações entre sujeitos e as paisagens, observando diferenciadas formas de significa-las e habitá-las, numa dupla perspectiva temporal, no presente e no passado.

Novas hipóteses

As interfaces de pesquisa com base nos dados iniciais de campo favoreceram a formulação de novas perspectivas para as ocupações pretéritas na calha do baixo Juruá, notadamente as dinâmicas na paisagem sedimentar do Juruá, com ênfase nas terras caídas e as alterações intermitentes do curso do rio, são em parte a responsável pela causa da falsa

impressão da ausência ou raras ocupações humanas antigas, seguida pelo vazio da pesquisa de campo nessas áreas, bem como na persistência de sistemas regionais de circulação de pessoas, saberes, cultura material, língua, histórias, com origem pré-colonial, compondo uma extensa área cultural nas regiões do médio alto Amazonas e tributários. As pluralidades de olhares visa ampliar as possibilidades de leituras e, com isso, possibilidades de compreensão da história regional na pluralidade de expressões nas paisagens, no território e nas formas de habita-los; Antropologia – Arqueologia – Etnobotânica.

Considerações finais

Com base nesse levantamento e nas análises em andamento buscaremos apresentar e debater dados que nos conduzem a produzir novas perspectivas heurísticas sobre a falsa impressão que ocupações pré-coloniais e coloniais no baixo curso do Rio Juruá eram raras, posto a compreensão da dinâmica sedimentar do rio Juruá, notadamente os efeitos das terras caídas e a intermitente reconfiguração da paisagem – ora destruindo sítios na totalidade, ora sedimentando e isolando antigos assentamentos, hoje inclusive posicionados a quilômetros da calha principal.

Nesse rumo, nossa exposição traz considerações principalmente em áreas de paleocanais, meandros abandonados e terras firmes separadas do curso principal por quilômetros de várzeas e igapós. Os dados dos trabalhos de campo apontam que ao menos quatro ciclos antrópicos ocorreram nessa região, inferência embasada por meio da cultura material cerâmica registrada nos sítios mapeados, presentes em outras partes da Amazônia e classificados em quatro estilos: hachurado zonada, Pocó, Tradição Policroma da Amazônia e as cerâmicas caboclas temperadas com cinzas de caraipé ou carapaça de quelônios.

Um dado relevante e inédito refere-se a utilização de ossos triturados e calcinados de carapaças de quelônios, utilizados como antiplástico cerâmico para as indústrias oleiras recentes, abrindo perspectivas de pesquisa e análises de conjuntos cerâmicos pré-coloniais e coloniais. Um caminho possível para respostas sobre as dinâmicas transformacionais dessas práticas reside nos estudos sócios históricos, os quais sugerem que o fluxo de migrantes nordestinos, principalmente cearenses, iniciado em meados do século XIX e ao longo do XX, configurou-se como evento central na apropriação por parte dos recém-chegados (geralmente homens) de técnicas agrícolas, manejo florestal, caça, pesca, medicina de origem vegetal e animal, resultando em novos padrões de inserção na paisagem, nas dietas e sistemas de crenças.

Assim, relações de sociabilidades mediadas por regimes de intercâmbio, nem sempre exímios de violências inerentes à lógica da economia do aviamento na região e compartilhamentos dos ambientes de vida entre os migrantes e as populações indígenas locais expressam-se nos vestígios encontrados.

Referências

AMARAL, M.. Relatório Expedição ao Rio Juruá – Laboratório de Arqueologia do Instituto Mamirauá. 2018, p..70..

AMARAL, M.. A ecologia de assentamentos, interações sociais ameríndias e o contexto geográfico dos muiraquitãs no baixo Amazonas. 2018, p..23. Cadernos do LEPAARQ.

BALÉE, W. O Programa de Pesquisa da Ecologia Histórica.. *Cadernos do LEPAARQ.* Tradução Rafael Milheira.. Pelotas: Lepaarq, Vol.. XIV, n°28, 2017, p..180-212..

CABRAL, Mariana P. "E se todos fossem arqueólogos? ": experiências na Terra Indígena Wajãpi Anuário Antropológico/2013, Brasília, UnB, 2014, v. 39, n. 2: 115-132

BEZERRA, Márcia. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. Revista de Arqueologia Pública, n.7, julho 2013. Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP. Enciclopédia da Floresta. O Alto Juruá – Práticas Tradicionais das populações, organizado por Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Barbosa de Almeida, e publicado originalmente na revista L'Homme, 2003

LITTLE, Paul. Territórios Sociais e Povos Tradicionais no brasil: por uma antropologia da Territorialidade. Anuário Antropológico/2002-2003
Enciclopédia da Floresta. O Alto Juruá – Práticas e conhecimentos das populações, organizado por Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Barbosa de Almeida, e publicado originalmente na revista *L´Homme*, n. 167-168, 2003, pp. 365-367.